

Psicologia

Luísa Jobim, 26 anos, é psicóloga e residente na área no MPDFT. Em 2022, ela diz que se preparava para um concurso no campo da psicologia jurídica, mas interrompeu os estudos para focar na atuação clínica. Em 2024, decidiu retomá-los quando soube do programa para a residência e se inscreveu no processo. “Embora não tenha me preparado especificamente para essa seleção, eu já estava em ritmo de estudos voltado para concursos, o que contribuiu para o meu desempenho na prova”, conta.

Para Luísa, o programa despertou ainda mais seu interesse pela área jurídica, com formação teórica e prática que vão aprimorar sua atuação profissional. Além dos atendimentos e da elaboração de relatórios, ela destaca que a troca de experiências entre a equipe e a boa convivência tornam a residência mais proveitosa. “Existe uma cultura de compartilhar visões, debates e estudos de caso entre analistas de psicologia e serviço social, residentes e estagiários, o que torna o ambiente propício ao aprofundamento técnico e reflexões sobre a prática”, relata.

Hoje, Luísa planeja continuar estudando para o serviço público em sua área, na busca por “uma carreira que traga mais estabilidade”. Recentemente, impulsionada pela residência, ela prestou concurso para analista de psicologia no MPDFT e ficou em primeiro lugar na prova objetiva. “Se tudo der certo, pretendo seguir por esse caminho. E, mesmo que isso não se concretize agora, vou continuar atuando na intersecção psicologia e direito, meus grandes interesses”, projeta, confiante.

Para a tutora de psicossocial Isabela Britto, o programa de residência tem se mostrado essencial na formação dos profissionais, ainda que haja melhorias a fazer, como focar mais na parte de ensino, para além do trabalho. A tutora trabalha ao lado de Luísa, a quem considera “quase pronta para ser uma servidora completa, em termos de competências técnicas e pessoais”. Isabela percebe que a profissional é dedicada nas atividades propostas e tem contribuído na área. “Ela se mostra bastante empenhada mesmo, então, foi uma grata surpresa para nós”, conta.

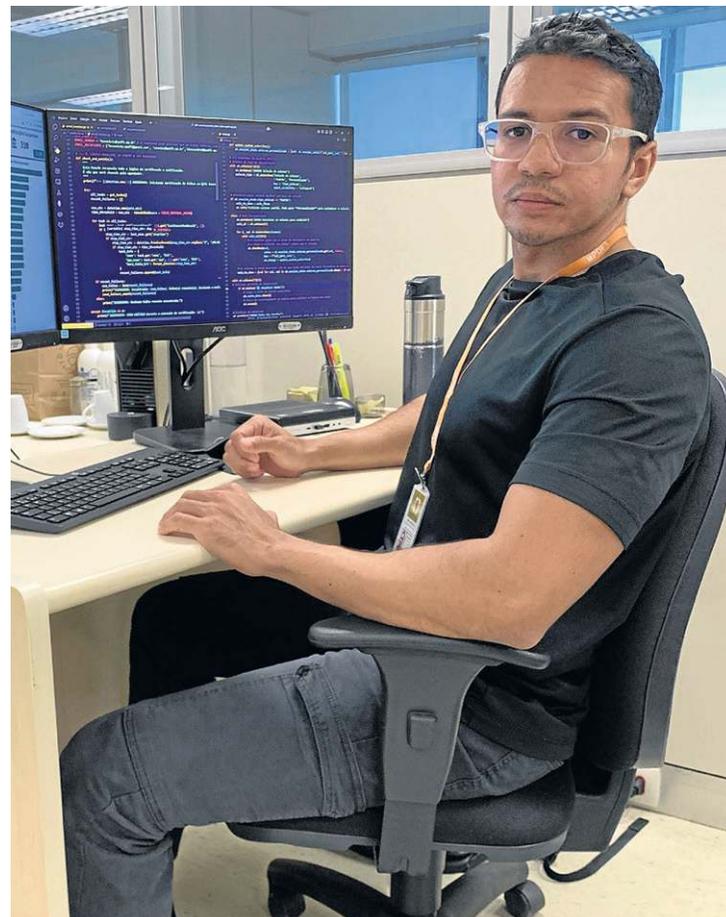
Tecnologia da informação

José Hevenicio, 30 anos, graduado em física, mestre em engenharia biomédica e especialista

Fotos: Arquivo pessoal



Luísa Jobim, 26: troca de experiências e aprendizado prático



José Hevenicio, 30: “Programa é um acelerador de carreira”

Ed Ferreira



Selma Sauerbronn: inovação e diálogo

em ciência de dados, é residente de tecnologia da informação no MPDFT, na Assessoria de Ciência de Dados (Acida). Ele relata que já tinha domínio em programação pela formação acadêmica e experiências profissionais, mas decidiu estudar mais para conseguir a oportunidade no MP, a fim de se aprimorar ainda mais na área. “Foquei em estudar por conta própria, principalmente no que o edital de seleção pedia, como as linguagens que o mercado mais usa, como Python e SQL”, diz.

Na residência, José está desenvolvendo um projeto que



Tutora Isabela: mais foco no ensino

monitora os dados da ferramenta usada para criar os painéis de controle da Secretaria de Tecnologia da Informação (STI), por meio de um “alarme inteligente”, que vigia os dados 24 horas por dia e alerta a equipe para eventuais problemas no sistema.

“Imagine que os gestores usam painéis com gráfico, para tomar decisões importantes. Se esses placares estiverem com informações desatualizadas ou erradas, a decisão pode ser falha. Nesse caso, minha aplicação dispara um alerta para a equipe técnica corrigir o problema. Isso



Tutor Rodrigo: capacitação e aprimoramento do MP

ajuda a manter a qualidade da informação e a confiabilidade das análises”, explica.

José define a experiência como “desafiadora”, mas, ao mesmo tempo, gratificante: “É a porta de entrada perfeita para o mercado de trabalho”. Ele considera que está tendo uma formação completa, podendo aplicar os estudos na prática e ver resultados; aprender competências e habilidades exigidas pelo mercado; conviver com profissionais experientes e observar o impacto do seu trabalho no MPDFT.

“Uma coisa é você aprender a programar com exemplos de livro

ou em projetos pessoais; outra é usar isso para resolver um problema real, com impacto direto na instituição. Além da parte técnica, estou aprendendo sobre responsabilidade, cumprimento de prazos e como trabalhar em equipe. Ter o acompanhamento de tutores experientes é um acelerador de carreira que nenhum curso consegue oferecer”, descreve.

Ele pretende seguir na área de ciência de dados, reconhecendo que a residência confirmou que ele está “no caminho certo” e que sua área tem grande potencial para tornar o serviço público “mais ágil e eficiente”. Por meio do aprofundamento em tecnologias avançadas, como inteligência artificial (IA), o profissional tem como propósito usar o conhecimento para resolver problemas “cada vez mais complexos”.

Para o tutor de TI Rodrigo Jesuino, o programa gera um ganho coletivo, pela capacitação dos residentes, que já trazem uma bagagem de conhecimento em tecnologia, e pelo uso dos projetos feitos por eles para o aprimoramento da instituição. “Os residentes têm ritmos diferentes, por isso, a gente orienta e acompanha o desenvolvimento deles. As soluções criadas são usadas pelo órgão, e eles ganham experiência para os futuros empregos”, destaca.

*** Estagiária sob supervisão de Ana Sá**